

O QUE É QUE RESISTE AO IMPACTO DO TEMPO?
Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rimini, 12 de abril de 2019

Apontamentos da Introdução de Julián Carrón

Talvez nunca como desta vez tenhamos chegado aqui com a consciência de que não somos capazes de fazer durar em nós as coisas boas que nos acontecem na vida. E talvez nunca como hoje tenhamos estado tão conscientes do quanto somos necessitados de alguém que resista ao impacto do tempo, respondendo à nossa necessidade desmesurada de algo que dure.

Peçamos por isso o Espírito, o único capaz de resistir e de responder a todo o desejo de plenitude que nos constitui.

Vinde, Espírito Santo

Começo lendo a mensagem que nos foi enviada pelo Santo Padre: «Por ocasião do curso dos Exercícios Espirituais, que juntam em Rimini os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, acompanhados este ano pelo significativo tema “O que é que resiste ao impacto do tempo?”, o Sumo Pontífice envia o seu cordial pensamento, formulando votos de que a memória do sacrifício de Cristo e da Sua encarnação na história seja a ajuda concreta oferecida por Deus Pai para superar todas as adversidades e a mediocridade do tempo presente. O Papa Francisco, ao mesmo tempo que vos convida a perscrutar os sinais dos tempos e a reconhecer nas múltiplas histórias de santidade a ocasião para a construção da Sua morada no mundo, envia-vos de todo o coração, pela intercessão da Virgem Maria, a implorada benção apostólica, estendendo-a de bom grado a todos os presentes, aos seus familiares e a todo o movimento. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

1. Uma pergunta que não se pode eliminar

Fiquei muito surpreendido com o interesse despertado pela pergunta que nos demos como título destes nossos dias juntos: «O que é que resiste ao impacto do tempo?». Isso vê-se pelo número de contributos que vocês enviaram: dois mil. Estou-lhes verdadeiramente agradecido pela ajuda que me dão para o caminho comum. Já aconteceu com os universitários, que diante da mesma pergunta, acusaram o golpe. Mas para nós, adultos, a questão assume um alcance maior, porque temos mais tempo e mais história sobre os nossos ombros e, portanto, mais dados para responder. Por esta razão, decidimos colocar a mesma questão no centro dos Exercícios da Fraternidade, porque também nós temos de fazer a mesma verificação.

Receber a pergunta foi, para muitos de vocês, como que uma surpresa, que despertou em primeiro lugar uma gratidão. «Senti-me invadida por uma imensa gratidão», escreve uma pessoa. E outra: «Permite-me agradecer-te por esta pergunta, que quiseste partilhar com cada um de nós. Devolveu-nos a consciência de sermos, cada um de nós, uma parte do carisma que teve impacto na nossa vida e que nos faz estar aqui agora para levar a sério a tua pergunta». E ainda outra: «Com uma gratidão imensa, aguardo os próximos Exercícios. O meu coração, embora muitas vezes cansado, espera. Espera o quê? Ouvi-l’O falar outra vez, porque nada enche o meu coração assim e nada desafia a minha razão assim, ou seja, nada exalta a minha humanidade assim! Que graça me aconteceu!».

O interesse despertado em tantos de vocês é o sinal de que a pergunta feita não foi entendida como algo de abstrato, mas como uma questão existencial, que tocou um nervo descoberto em nós, intercetou uma questão crucial da vida, da qual não se pode escapar. O interesse demonstrado indica o quanto sentimos a urgência de alguma coisa que dure. E isto surpreende ainda mais, já que vivemos

numa sociedade líquida e, portanto, devíamos estar habituados ao facto de que nada dura. Com efeito, um olhar sobre a situação, sobre o estilo de vida que caracteriza muitos de nós, jovens e adultos, revela uma labilidade, uma volubilidade, uma dança contínua de percepções contrastantes. Somos muitas vezes tomados por um turbilhão de afetos, de sentimentos, em que tudo se constrói e se desmonta sempre muito rapidamente; conseqüentemente, somos facilmente vítimas da desilusão. Nada parece resistir, o tempo consome, esvazia tudo; o que aconteceu ontem perde a sua influência em nós, o seu fascínio.

Já o dizia Gaber na sua *Illogica alegria*: «Sei sobre o mundo e também sobre o resto / sei que tudo está em ruínas».¹ Vasco Rossi faz-lhe eco: «Nada dura, nada dura / E tu sabes isso».²

Mas se nada dura, por que é que não nos contentamos, por que razão tentamos – pelo contrário - domesticar ou anestesiar a urgência recorrendo a alguma droga, como Houellebecq faz com a personagem do seu último romance? A serotonina, escreve ele, «é uma pequena pastilha branca, oval, divisível. Não cria nem transforma; interpreta. Torna passageiro o que era definitivo; torna contingente o que era inevitável. Fornece uma nova interpretação da vida - menos rica, mais artificial e caracterizada por uma certa rigidez. Não dá qualquer forma de felicidade, ou mesmo alívio real, a sua ação é de um outro tipo: transformando a vida numa série de formalidades, torna possível enganar. Por isso, ajuda os homens a viver, ou pelo menos a não morrer - por algum tempo. A morte, no entanto, acaba por se impor, a armadura molecular racha, o processo de desintegração retoma o seu curso».³

A pergunta que ecoa nestes Exercícios não pode ser suprimida, ela regressa, na sua absoluta inevitabilidade. «Este drama [da vida] [...] - embora possa ser tratado como um jogo, e encarado com leviandade por todos os tipos de cétricos e de felizes ignorantes - é o *único*. E não pode ser evitado sem abandonar a vida ao mesmo tempo. Em suma, o drama é sério; e a nossa vida não é uma farsa, pela simples razão de que é única, e não se pode mudar o nosso próprio papel: só se pode rejeitá-lo».⁴

2. Levar a sério a pergunta é o primeiro gesto de amizade

O primeiro gesto de amizade para conosco e entre nós não é censurar esta pergunta, é levá-la a sério. O primeiro gesto de amizade para consigo mesmo daqueles que estão doentes consiste em levar a sua doença a sério. É simples. E se tens um amigo doente, o primeiro gesto de amizade para com ele é um convite para cuidar dele mesmo. Em oposição a isto, está aquele “deixa andar” que é a demonstração de uma falta de afeição por si mesmo.

Por isso, logo na primeira página de *Em Busca do Rosto do Homem*, Dom Giussani adverte-nos: «O supremo obstáculo ao nosso caminho humano é a “negligência” do eu». O primeiro ponto de um caminho humano é, portanto, o «contrário dessa “negligência”», ou seja, um «interesse pelo próprio eu», pela própria pessoa. Um interesse que pareceria óbvio «enquanto na verdade não o é de modo algum»: basta, na verdade, olhar para o nosso comportamento habitual para ver «que grandes rasgos de vazio se abrem no tecido quotidiano da nossa consciência e quão grande é a perda de memória».⁵

A primeira condição que nos lembra Dom Giussani é, então, uma afeição por si mesmo, como primeiro gesto de amizade conosco mesmos. «Se esta afeição pelo humano - não afeição pelo humano como objeto estético, olhado e tratado poeticamente, mas afeição humana como apego pleno de estima e compaixão, de piedade, de si mesmo, de afeto, como ter em relação a ti mesmo um pouco daquele apego que a tua mãe tinha em relação a ti, especialmente quando tu eras pequeno (mas mesmo agora que és grande) - se não houver um pouco disso em nós, para nós mesmos, é como se o chão onde construir faltasse».⁶

¹ «L’illogica allegria», letra de A. Luporini, música de G. Gaber, 1981-1982, © Edizioni CURCI.

² «Dannate Nuvole», letra e música de V. Rossi, 2014, © EMI.

³ M. Houellebecq, *Serotonina*, La nave di Teseo, Milão 2019, p. 331.

⁴ D. de Rougemont, *La persona e l’amore*, Morcelliana, Brescia 2018, p. 57.

⁵ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo, 1996, p. 11.

⁶ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, p. 291.

Portanto, «a primeira condição para que [...] o movimento como acontecimento [...] se realize [...] é precisamente este sentimento da própria humanidade: a “afeição a si”».⁷ «Eis aqui o início, o primeiríssimo início:» – escreve Etty Hillesum – «levar-se a si mesmo a sério [...]. É precisamente este o trabalho que se pode realizar, também pelo próximo: conduzi-lo cada vez mais em direção a si mesmo, capturá-lo e detê-lo na sua fuga para longe de si, e tomá-lo pela mão e voltar a acompanhá-lo às suas nascentes, que lhe pertencem».⁸

Quem não censura a pergunta, graças a uma afeição experimentada por si mesmo, é o único capaz de colocá-la aos outros. Por isso, o verdadeiro amigo é aquele que coloca a questão, como Dom Giussani nos colocou: «O que é que resiste ao impacto do tempo?».⁹ É uma questão que nos obriga a sermos nós mesmos e não nos deixa cair no nada. Muitos de vocês o escreveram. Leio apenas alguns dos vossos contributos: «Obrigado por me teres despertado do meu torpor, enviando-me a pergunta: “O que é que resiste ao impacto do tempo?”». «Achei que a pergunta que fizeste podia mesmo ser uma pergunta feita para mim e não “feita também para...”», com o pensamento habitual de que então alguém responderá». «Obrigada por esta tua pergunta, que me “perseguir” desde que a li, não me deixando sossegada. Muito obrigada pela forma como provocas a nossa liberdade e como nos convidas a ir ao fundo de cada um nas suas próprias circunstâncias». «Antes de qualquer palavra, gostaria de te dizer que esta solicitação dominou os meus dias: companhia profunda quando abria os olhos pela manhã e quando os fechava à noite».

Trata-se de uma pergunta, em última instância, inevitável. Basta que arrefeça a experiência que uma pessoa vive com um amigo, ou com a pessoa amada, para que ela surja, ainda que possa ser formulada com um tom de ceticismo: mas então, se também esta amizade ou este amor colapsam, o que é que verdadeiramente resiste?

Há uma canção de Guccini, *Farewell*, que descreve este fenómeno. Fala de uma história de amor que acaba: «Era fácil viver então, a todas as horas», «parecia-nos ter encontrado a chave / secreta do mundo», «revermo-nos era como renascer outra vez. / Mas todas as histórias têm a mesma ilusão, a mesma conclusão / e o pecado foi crer que era especial uma história normal», «o tempo desgasta-nos e faz-nos murchar».¹⁰

É uma experiência ilustrada também em alguns dos vossos contributos; por exemplo, este: «A idade provocou em mim uma dureza maior, uma defesa em relação àquilo que acontece para não ter de sofrer. A verdade é que o tempo mói, é um exame impiedoso que faz deixar de fora aquilo que não se conservou, e a mim dá-me muito medo descobrir que não se salvou o suficiente: então traço linhas de esquecimento, encubro, confundo, renuncio também a gozar o que é bom, para que as dores inconsoláveis não se aproximem e não abram abismos que já não serei capaz de fechar. Prevalece uma espécie de langor, abrigo-me nos ritos e nos hábitos, como fazem os velhos, e assim há partes da minha vida que ficam cuidadosamente de fora. Também a minha experiência no movimento, com o tempo, se tornou uma “tia velha” a quem sou afeiçoada, assemelha-se tristemente ao cobertor de Linus [NT: *Linus é o melhor amigo de Charlie Brown na série Peanuts, de Charles Schulz; observador e erudito, é o “filósofo” da série e está sempre agarrado ao seu cobertor azul*], a um anestésico que com o tempo cria dependência e já nem sequer funciona. Eu sei que o ponto está aqui, que quanto mais procuro o controlo, quanto mais guardo para mim, menos se salva, menos vem ao de cima. Sei que devo aprender a oferecer precisamente aquilo que dói mais, aquilo que eu não posso ajustar e que, no máximo, consigo esconder, como se faz com a poeira debaixo do tapete».

É a mesma amarga conclusão a que chega o génio poético de Baudelaire: «A minha juventude não foi mais que um temporal / tenebroso, aqui e ali por sóis ardentes trespassado; a chuva e o trovão / causaram dano tal que não resta / senão algum fruto vermelho no meu jardim. / Eis que alcancei o outono das ideias/, e tornam-se necessários / o ancinho e a pá para recompor outra vez / o terreno

⁷ *Ibidem*, p. 294.

⁸ E. Hillesum, *Il bene quotidiano*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2014, p. 44.

⁹ Cf. J. Carrón, L. Giussani, “Vivo” *quer dizer presente!*, Jornada de Início de Ano, outubro 2018, p. 1.

¹⁰ «Farewell», letra e música de F. Guccini, 1993, © EMI-BMG.

inundado onde a água / abre covas profundas como tumbas. / E quem sabe se as flores que já sonho / esboçadas, não encontrarão neste solo / lavado como uma margem, o alimento / místico que lhes dará vigor? / Ó dor, ó dor, o Tempo alimenta-se / da vida, e o Inimigo sombrio cresce / com o sangue que perdemos, e ganha forças; / este Inimigo que nos rói o coração!». ¹¹

É o mesmo medo de que, no fundo, tudo se torne nada, de que tudo seja engano e aparência, como diz Montale: «Talvez uma manhã atravessando um ar de vidro, / árido, voltando-me, veja cumprir-se o milagre: / o nada às minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de bêbado». ¹²

Guccini, Baudelaire ou Montale não nos deixam regressar às nossas coisas como éramos antes, porque colocam diante de nós a urgência da vida: com o seu ceticismo ou niilismo obrigam-nos a ter ainda mais em conta a pergunta. Senão, vivemos como desesperados. Como descreve Houellebecq: «Privado quer de desejos, quer de motivos para viver [...], mantinha o desespero a um nível aceitável, pode-se viver estando desesperado, no fundo a maior parte das pessoas vive assim, talvez de vez em quando se perguntem se se podem deixar levar por um vento de esperança [...] para depois responder de forma negativa. No entanto insistem, é um espetáculo tocante». ¹³

Mas amigo não é apenas quem coloca a questão, é também aquele que não recua diante do alcance desta, escapando ou distraíndo-se; por isso, não é apenas quem coloca a questão, mas também quem a leva a sério. Viemos aos Exercícios para isto: para sermos ajudados a viver na verdade, sem termos de olhar para o outro lado porque estamos assustados com tudo, com o medo do nada.

«Quem sustenta o meu cansaço e a minha solidão?», pergunta um de vocês, «quem me acompanha numa escolha difícil? Como é que o meu momento pode ser salvo? Depois de trinta anos de experiências enriquecidas pelo dom da fé, com o tempo, todos os objetivos parciais que me coloquei e me coloco (alguns alcancei-os) estão, inexoravelmente, a deixar espaço para me colocar esta questão. Agora, por algo menos do que esta pergunta [sem levar a sério esta pergunta] já não tenho vontade de mexer nem um dedo. Nem com a família, nem no trabalho, nem com os amigos, nem muito menos com as pessoas que não conheço».

3. A espera

Ao vir aqui, queremos sustentar-nos na luta que cada um de nós está a travar entre o já não esperar nada e o não poder deixar de ter em conta aquele desejo de ser feliz que nos constitui, ou seja, com o desejo de uma felicidade que dure, que não se dissolva no espaço de um dia ou de uma estação.

Como é ardente e como está difundido o drama de quem pensa que não há resposta para a questão humana, e no entanto, não consegue eliminá-la! Descreve-o Tolstoi: «O homem olha à sua volta e procura respostas para a sua própria pergunta, e não as encontra. Encontra à sua volta doutrinas que dão respostas a questões que ele, de facto, não se coloca, mas não existe uma resposta para aquela pergunta que ele se faz [...]. E [...] encontra-se sozinho diante do mundo inteiro, com aquelas suas terríveis perguntas que lhe dilaceram a alma». ¹⁴ Sozinho.

Às, vezes, até nos amigos vemos o medo de determinadas perguntas, como me escreve uma pessoa: «Apesar de tudo aquilo que vivi, ouvi e vi, neste momento em que me fazes a pergunta eu distraio-me para não desesperar, porque o peso da vida é demasiado forte, sobretudo o medo de que as coisas não sejam eternas, que escapem; o tempo passa e nada permanece. Quando coloco estas questões aos meus amigos, sinto-me um marciano, alguém que “se debate com o sentido da vida e tem medo da morte”; por isso recuo, guardo as coisas para mim, parece-me que não há nada que resista ao impacto do tempo».

¹¹ C. Baudelaire, «Il nemico», in Id., *I fiori del male*, Feltrinelli, Milão 1991, pp. 27-29.

¹² E. Montale, «Forse un mattino andando in un'aria di vetro...», *Ossi di seppia*, in Id., *Tutte le poesie*, Oscar Mondadori, Milão 1990, p. 42.

¹³ M. Houellebecq, *Serotonina*, op. cit., p. 221.

¹⁴ L. Tolstoi, *Sulla vita*, Feltrinelli, Milão 2018, p. 78.

Mas é precisamente esta pergunta, que dilacera a alma, que leva Borges a procurar sem descanso o que lhe pode responder: «Insistirei em procurá-lo até ao dia / dos meus últimos passos na terra»,¹⁵ comprometendo-se deste modo a permanecer leal até ao fim consigo mesmo.

Às vezes até pode parecer uma loucura colocar-se a questão. E, no entanto, a urgência de que falamos é de tal maneira constitutiva que, apesar de qualquer aparente bom senso, o homem que é leal não pode, em última instância, subtrair-se a ela. Por isso Camus se rebela e afirma, grita a verdade desta inevitável urgência, através da voz do seu Calígula: «Mas eu não estou louco, aliás, nunca estive tão lúcido. Experimentei, simplesmente, uma inesperada sede de impossível [...]. As coisas, tal como são, não me parecem satisfatórias. [...] Este mundo, tal como está feito, não é suportável. Por isso preciso da lua, ou da felicidade, ou da imortalidade; de qualquer coisa que seja louca, talvez, mas que não seja deste mundo».¹⁶

A dificuldade de encontrar resposta faz com que nos interroguemos se aquilo que procuramos não será um sonho. O poeta espanhol Antonio Machado não só tem a audácia de se fazer esta pergunta com seriedade, como aponta a condição para podermos intercetar os sinais, caso estes chegassem, de uma resposta: um coração desperto, que olha e que ouve. Escreve: «Adormeceu o meu coração? / Alvéolos dos meus sonhos, / já não trabalhais? Está seca / a nora do meu pensamento, / estão vazios os baldes, / ao girar, de sombra transbordantes? / Não; o meu coração não dorme. / O meu coração está desperto, está desperto. / Nem dorme nem sonha, olha, / com os límpidos olhos abertos, / os sinais longínquos e escuta / a margem do grande silêncio».¹⁷

Quando é levada a sério, a vida leva-nos até ali, até à margem do grande silêncio, ou seja, do Mistério, diante do qual só podemos estar com os olhos claros, abertos, límpidos, esperando do próprio Mistério algum sinal, ficando à escuta de qualquer aceno seu. Só quem está nesta posição de abertura original pode captar, quando este aparece, o irromper de uma resposta para o desejo do coração, reconhecer os sinais da sua manifestação. Colocar-se a questão, deixar que esta se liberte, torna-nos atentos para intercetar qualquer migalha de resposta, onde quer que ela esteja.

Di-lo bem uma poesia de Patrizio Barbaro: «O olho vê. [...] É o único que pode dar-se conta da beleza [...] a beleza vê-se porque está viva e, portanto, é real. Digamos melhor, que pode acontecer vê-la. [...] O problema é ter olhos e não saber ver, não olhar para as coisas que acontecem. [...] Olhos fechados. Olhos que já não veem. Que já não são curiosos. Que já não esperam que aconteça mais nada. Talvez porque não creem que a beleza exista. Mas no deserto dos nossos caminhos Ela passa, rompendo o finito limite e enchendo os nossos olhos de infinito desejo».¹⁸

4. O imprevisto

A beleza passa, acontece, sem nos pedir licença, desafiando qualquer ceticismo, qualquer niilismo. E se uma pessoa estiver atenta, pode intercetá-la. Tudo o que nos é pedido é, portanto, estarmos atentos para a surpreendermos quando passa. «Não é à força de escrúpulos – escreve com efeito Camus nos seus *Cadernos* – que um homem se tornará grande. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia».¹⁹

Toda a nossa vida se joga no intercetar o momento em que a beleza passa diante dos nossos olhos. Como é que posso reconhecer que a intercetei? Vejo-o no facto de que, de repente, abre os meus olhos, despertando o meu desejo.

¹⁵ J.L. Borges, «Cristo in croce», in Id., *I congiurati*, Mondadori, Milão 1986, p. 17.

¹⁶ A. Camus, «Calígula», ato I, cena IV, in Id., *Opere*, Bompiani, Milão 1973, p. 664.

¹⁷ A. Machado, «S'è addormentato il mio cuore?», LX, *Solitudini (1899-1907)*, in Id., *Tutte le poesie e prose scelte*, Mondadori, Milão 2010, p. 107.

¹⁸ P. Barbaro, «Ah uno sguardo – dedicata a Pasolini», in «Una domanda a cui non so rispondere», de F. Pierangeli, *30Giorni*, n. 11, 2000.

¹⁹ A. Camus, *Taccuini. III, 1951-1959*, Bompiani, Milão 1992, p. 34.

Mas qual é a beleza mais necessária? É o acontecer de uma preferência, da preferência última que todos esperamos experimentar. Porque a preferência é o método de qualquer despertar, de qualquer redenção, de qualquer geração do humano, do eu.

Conta um de nós: «Há um ano contratámos uma jovem professora para ensinar na escola primária. Vive a mesma condição de confusão de tantos jovens, em particular a angústia provocada pelo nunca estar à altura das circunstâncias. No outro dia veio ter comigo e contou-me que desde que está na escola está pior do que antes, porque se estão a abrir nela muitas perguntas e muitas feridas. Disse-lhe que, então, estava no melhor momento da sua vida, que as perguntas e as feridas se abrem diante de alguma coisa que, em certa medida, já nos oferece uma esperança. Disse-me que não, que as feridas são muito dolorosas, e que antes, pelo menos, tinha uma couraça, enquanto que na escola a couraça tinha caído. Nessa altura contou-me a sua história, com todas as dores sofridas. Depois foi por um breve período para a escola Newman, onde também trabalhou dois dias. De regresso, disse-me: “Na Newman aconteceu-me alguma coisa. Que não sei o que é. Mas as pessoas deram-se conta disso, porque mo dizem. Dizem-me que estou mais contente e mais tranquila. Dizem-mo os colegas e a família. Eu também vejo que me aconteceu alguma coisa. O quê? Não me digas que é Deus, porque eu não posso aceitar isso”. Disse-lhe para não se preocupar com Deus, mas para ser leal até ao fundo com a sua experiência. Perguntou-me: “Por que é que isto me aconteceu a mim? Aqui há muitos que não creem, a quem não aconteceu nada. Será pela necessidade que eu tenho, pela ferida aberta que tenho em mim?”».

Cá está, a beleza que passa pelo deserto dos nossos caminhos é interceptada por quem tem verdadeiramente necessidade, por quem tem esta ferida e esta pureza.

Como é fácil reconhecer a beleza – isto é, a evidência de uma preferência que desperta o nosso eu – quando acontece! É um sermos escolhidos que nos faz tornarmo-nos nós próprios. Como diz uma poesia de Pedro Salinas: «Quando tu me escolheste / – foi o amor que escolheu – / saí do grande anonimato / de todos, do nada [quando o tu aparece é como se te arrancasse do nada] [...]. / Mas quando me disseste: “tu” / – a mim, sim, a mim, entre todos – / então mais alto de que as estrelas / ou os corais fiquei [levas-me às estrelas]. / E a minha alegria / começou a girar, preso / ao teu ser, ao teu pulso. / Posse de mim tu me davas, / dando-te a mim. / Vivi, vivo. Até quando? [...] / Serei um entre os muitos / quando já não te tiver»,²⁰ tanto és decisivo para que eu me torne eu mesmo .

Então a grande questão que temos pela frente, amigos, é esta: há alguma coisa, aconteceu alguma coisa na nossa vida que se distingue de tudo aquilo que não dura e perde o seu domínio sobre nós? «Eis – escreve Kierkegaard no seu *Diário* – o importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter ouvido uma coisa tão grande, tão magnífica que qualquer outra seja um nada em comparação com ela e ainda que nos esquecêssemos de tudo o resto, daquela nunca mais nos esqueceríamos».²¹

Por isso trata-se de olhar para tudo aquilo que nos aconteceu para ver se alguma coisa se revelou capaz de durar, de resistir ao esvaziamento operado pelo passar do tempo. Aconteceu alguma vez alguma coisa, na nossa vida, que demonstrou resistir ao impacto do tempo? Houve alguma coisa que tenha sido capaz de agarrar a nossa vida de forma estável? É a grande questão com a qual cada um de nós de deve confrontar, olhando para a sua própria experiência pessoal, se não quiser ver tudo falhar.

A esta «alguma coisa» de que falamos Montale chama «imprevisto»: «Um imprevisto / é a única esperança». Mas muitos defendem que «é uma parvoíce dizê-lo»,²² e às vezes nós pensamos o mesmo.

No entanto, ninguém poderá impedir que uma coisa nova surja diante dos nossos olhos – porque há mais realidades no céu e na terra do que em toda a nossa filosofia, de acordo com a fórmula do grande Shakespeare²³ –: uma coisa que «não podia existir e está aqui», dizia Giussani em 1968, uma

²⁰ P. Salinas, *La voce a te dovuta*, Einaudi, Torino 1979, p. 195.

²¹ S. Kierkegaard, *Diario. I (1834-1849)*, Morcelliana, Brescia 1962, p. 239.

²² E. Montale, «Prima del viaggio», vv. 22-27, in Id., *Tutte le poesie*, op. cit., p. 390.

²³ «Ci sono più cose in cielo e in terra, Orazio, che non nella tua filosofia» (W. Shakespeare, *Hamlet*, ato I, cena V).

coisa que «não podia existir porque nunca a pensámos, não podíamos pensá-la [e nem sequer imaginá-la], e está aqui».²⁴

Se viemos a Rimini é porque pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento, nos aconteceu este «imprevisto», que agarrou a nossa vida a ponto de nos fazer participar num gesto como este. Se viemos aqui é porque estamos ainda abertos à possibilidade de encontrar aquele «tu» que nos fez sair do anonimato, que fez de cada um de nós verdadeiramente ele mesmo, único. Muitos de nós esperam a renovação deste encontro.

Pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento, aconteceu-nos alguma coisa da qual temos saudades. Um de vocês descreve-o assim: «Penso na pergunta que nos foi enviada: “O que é que resiste ao impacto do tempo?”. Bela pergunta! Situações familiares que nunca mudam, aliás, que parece que cavam lentamente um fosso cada vez maior onde cair. Relações e estruturas que parecem consolidadas, mas em relação às quais, no fundo, parece que não se pode ter nenhuma segurança. Não se pode porque ninguém consegue garantir que não irá fazer tanto mal a alguém que não sinta que lhe é recusado o perdão, ou que, devido ao curso natural das coisas, até as amizades mais profundas mais tarde ou mais cedo firam ou desiludam ou nos deixem abandonados. E não existe estrutura que a nossa violência ou a dos outros não possa fazer em pedaços, de acordo com um ideal próprio de revolução e justiça. Basearmo-nos nas nossas próprias energias humanas, ou na nossa própria bondade, encontra-se, pois, no limite do ridículo. Sinceramente, de vez em quando acontece-me olhar para a minha vida e vê-la como um enorme sepulcro. E, ultimamente, passam dias inteiros em que me sinto assim. Também me parece ridículo dizer: “Ah, que bom, agora vou aos Exercícios e vão dizer-me o que resiste ao impacto do tempo, e depois volto para casa e tudo será diferente”. Mas então por que é que venho? Venho, acho, pela única coisa que me parece poder definir uma constante: uma última e indestrutível atração por alguma coisa que vive no movimento e da qual não consigo desligar-me. Venho para procurar a única coisa de que tenho mesmo saudades».

Por isso peçamos, amigos, que cada um de nós seja de novo alcançado, qualquer que seja a situação em que se encontra, pelo olhar do Senhor, por esta preferência que o fez renascer, para que possa experimentar o quanto é preciosa a sua vida e que não está condenado a vê-la resvalar no nada.

Peçamos, portanto, para sermos mais uma vez revestidos daquela preferência última que o nosso ser espera: «Tu és precioso a meus olhos»;²⁵ tu, não um outro, não alguém diferente de ti; tu, agora, tal como és, não quando mudares. Agora! Não estás condenado a resvalar no nada! Tão precioso és a Seus olhos.

O instrumento do empenho que te pedimos nestes dias é o silêncio. Por isso, ajudemo-nos uns aos outros com a nossa seriedade, em primeiro lugar respeitando o silêncio. Com efeito, dizia Dom Giussani: «Façamos praticamente um dia inteiro, ou pouco mais, juntos para um momento de maior verdade da nossa vida. Fizemos tantos sacrifícios, muitos entre vocês fizeram mesmo grandes sacrifícios para vir; procuremos retirar disso a maior vantagem possível, procuremos conseguir a alegria de um momento de familiaridade com o Senhor mais completo até do que os melhores dias do nosso ano. É um compromisso [...] que devemos assumir, que assegure um resultado verdadeiramente bom [...]. O instrumento para este compromisso é o silêncio. [...] O silêncio, com efeito, não é um nada, [...] é uma oração, é a consciência de estarmos diante de Deus, [...] é um pedido». Por isso, «também os livros que nos são propostos se podem comprar em silêncio»,²⁶ sustentando-nos na experiência. «Recomendamos o silêncio acima de tudo nas deslocações; que o silêncio absoluto seja depois conservado enquanto se entra no salão onde a memória será facilitada com a música que vamos ouvir e as imagens que vamos ver; ficaremos assim dispostos a ver, a ouvir, a sentir com a cabeça e com o coração aquilo que, de algum modo, Deus nos proporá». Porque «aquilo que fazemos juntos neste dia e meio não é senão um dos aspetos do grande gesto amoroso com que o

²⁴ J. Carrón, L. Giussani, “*Vivo*” *quer dizer presente!*, op. cit. p. 9.

²⁵ *Is* 43,4.

²⁶ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Bur, Milão 2018, pp. 211-213.

Senhor – ainda que não te apercebas disso – impele a tua vida [e a minha] para o Destino que Ele é». ²⁷

O silêncio, portanto, é para olharmos bem para estas coisas (quando uma pessoa tem uma úlcera no estômago, não a resolve pelo simples facto de não pensar nela, continua ainda assim com ela, e o não encarar o problema só torna a sua vida mais pesada, mais insuportável).

Temos a possibilidade de estarmos juntos, de podermos olhar para tudo sem medo, como os publicanos que iam ter com Jesus porque com Ele podiam ser eles próprios, não tinham necessidade de estarem à altura, eram abraçados tal como eram.

O silêncio – pelo menos uma vez no ano deixemo-lo entrar em nós até ao nosso âmago! –, a oração, o canto, as indicações que daremos não são diretivas formais, mas sugestões para que todos vivamos este gesto com a seriedade que a vida exige.

Podemos viver à grande, amigos, mas é preciso querê-lo.

²⁷ L. Giussani, *Dare la vita per l'opera di un Altro*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rimini 8-10 de maio de 1992, supl. de *CL-Litterae Communionis*, junho de 1992, p. 5.